

## **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: violência sexual, racismo algorítmico e tecnologia eurocêntrica**

Maria Jucilene Lima de Jesus<sup>1</sup>

Ana Paula Barros da Silva<sup>2</sup>

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo compreender o quanto às relações sociais perpassa o mundo real para o inanimado, traduzindo a violência sexual e de gênero através das inteligências artificiais. Nesse contexto, analisamos a assistente virtual Bia, Alexa, Siri e Lu, no comportamento hegemônico, masculino e racista

Problematizamos assim o mundo quase perfeito, tendo as assistentes virtuais na representação de mulheres subordinadas, ao mesmo tempo em que induz falácias da visibilidade feminina, “[...] as assistentes são programadas para performar certos construtos do gênero feminino e normalizam percepções sociais em torno do papel da mulher, especialmente aquele relacionado ao cuidado como categoria de trabalho e a tolerância em torno da violência contra a mulher” (SANTOS e POLIVANOV, 2020, p. 4).

As assistentes virtuais são profissionais femininas que atuam remotamente e fazem parte da web 3.0<sup>3</sup> da qual tem como objetivo auxiliar o usuário a realizar ações/tarefas mais rápidas, oferecendo assistência técnica, administrativa, criativa ou social, “As assistentes pessoais digitais são artefatos comunicacionais baseados em inteligência artificial desenvolvidas nos últimos anos” (SANTOS e POLIVANOV, 2020, p. 3).

Com base na realidade virtual ia tomando proporções gigantescas surgiram também questões de cunho social, representativismo, etarismo, estereótipos e

---

<sup>1</sup>UFAL, [maria.jucilene@delmiro.ufal.br](mailto:maria.jucilene@delmiro.ufal.br)

<sup>2</sup>UFAL, [ana.silva2@delmiro.ufal.br](mailto:ana.silva2@delmiro.ufal.br)

<sup>3</sup> Rede que permite os participantes interagirem diretamente sem passar por um intermediário, mas, monitora e controla os dados sobre as informações tendo maior controle sobre a privacidade do usuário.

marxismos, em volta do desenvolvimento tecnológico. Por que as assistentes virtuais são representadas apenas por mulheres? Por que todas essas representações atendem uma imagem da mulher européia, quanto ao pertencimento racial, cabelo, olhos e físico? Por que todas elas são representadas fisicamente por mulheres com uma determinada faixa etária? Por que na visão geral dentro do patriarcado as tarefas das quais são lhes atribuídas sempre tem o promíscuo de dona de casa, cuidadora do lar, esposa perfeita? Por que essas assistentes, embora muitas atualizações, ainda têm falas dóceis, comportadas, sucintas e calmas quando respondem comentários sobre assédio verbal ou sexual, por exemplo?

Um dos pontos de partida para chegar a esses dados começa pelo fato de serem criadas (em suma maioria) por homens, classe alta, brancos, capitalistas como uma visão marginalizada e estereotipada. Na visão desses homens estamos falando de mulher que faz seu trabalho bem feito, que está presente quando seu nome é citado, que não reclama, que concorda, que marca horários, que nunca muda de humor, que sempre é atenciosa, etc.

Todavia, o resultado do racismo estrutural, também reflete no mundo virtual, o que viera ser chamado de racismo algorítmico “uma espécie de atualização do racismo estrutural<sup>4</sup>” (BATISTA, 2023), ou seja, espaço moldado por homens brancos que infelizmente reflete no mundo virtual suas idealizações. Ele está presente em *softwares* e tecnologias digitais, por exemplo, sistemas automatizados, como site de busca padronizado pela branquitude; filtro que clareia a cor da pele e afina o nariz; reconhecimento facial e investigações nos casos de policiais; oportunidade no mercado de trabalho tecnológico, etc.

## 2 OBJETIVOS

### OBJETIVO GERAL

- Analisar a violência sexual e a desigualdade no mundo virtual, mas precisamente a visão do usuário sob as assistentes virtuais.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

---

<sup>4</sup> Citação de Tarcízio Silva, na entrevista com Diane Batista, cujo escreveu o livro “Racismo algorítmico: mídia, inteligência artificial e discriminação nas redes sociais” (2022).

- Verificar por que as assistentes virtuais são padronização das mulheres contemporâneas;
- Identificar qual o papel da desigualdade no ambiente virtual;
- Compreender o fato de que a internet não é um campo neutro.

### 3 METODOLOGIA

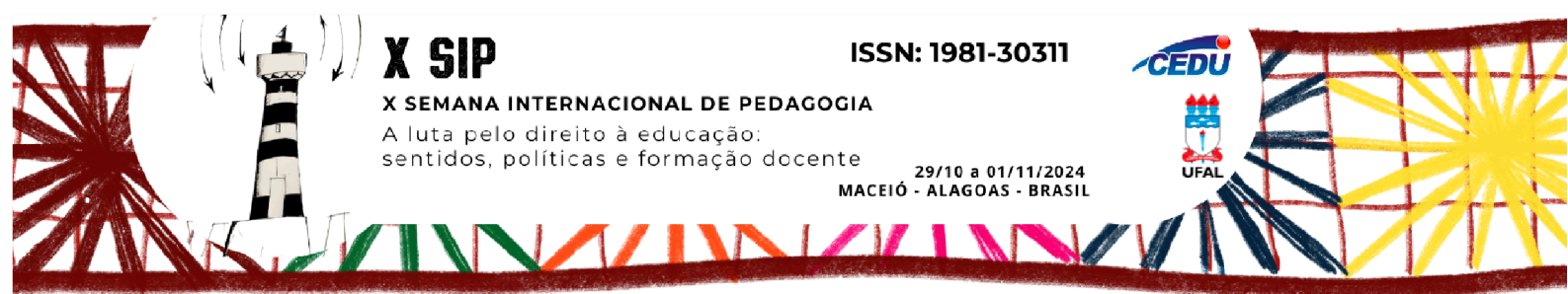
A metodologia utilizada foi através da pesquisa bibliográfica, em especial do trabalho “O que têm em comum Alexa, Siri, Lu e Bia? Assistentes digitais, sexismo e rupturas de performances de gênero” de Luiza Carolina Santos e Beatriz Polivanov, tendo como apoio o sites como #TMJ (Os segredos da Lu do Magalu, primeira influenciadora virtual do Brasil) e Consumidor moderno (Bia, a inteligência artificial do Bradesco, passa a se posicionar contra o assédio).

É neste sentido, destacamos aqui a violência não só com palavras, bem como ações impostas às imagens das assistentes, como o fato de serem imagens de mulheres nesses papéis, ou mesmo que não tivesse uma avata, ainda se introduz a violência pela voz, “Isso porque a motivação da escolha para o gênero da voz em artefatos digitais por parte dos produtores parece se relacionar muito mais com a funcionalidade a ser executada por um assistente” (SANTOS e POLIVANOV, 2020, p. 14).

Percebemos ainda, que a voz feminina está muito entrelaçada à secretaria de empresa, por exemplo, ela não conduz o cliente para uma negociação concreta, no sentido de fechar um grande negócio, deixando este papel para a voz masculina.

É sobre interpretação de total protuberância que progredimos no trabalho referenciando plataformas de gênero feminino liderada por homens, destacando as assistentes virtuais do não posicionamento contra comentários sexistas e machistas, através de cantadas e frases sexuais, por exemplo,

Um exemplo é a resposta “You say that to all the virtual assistants?” (“Você diz isso para todas as assistentes virtuais?”), dada por Siri ao ouvir a frase “You are hot” (“Você é gostosa”). Além do tom de flerte, a resposta faz alusão a uma relação patrão-secretária que normaliza



com portamentos inadequados ao ambiente de trabalho (SANTOS e POLIVANOV, 2020, p. 14).

Ou mesmo na reportagem sobre a Lu “Os segredos da Lu do Magalu, primeira influenciadora virtual do Brasil” da página #TMJ de Filipe Oliveira, quando recebe comentários grotescos: "Quero vê-la de biquíni e nua. Namora comigo. Oi, gostosa. Me passa o seu Whats" a qual se posiciona respondendo "Gente, tô chateada com algumas cantadas que ando recebendo nas minhas redes sociais. E olha que eu sou virtual! Fico imaginando as mulheres reais que passam por isso todos os dias”.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Sem um posicionamento do outro lado da tela, sem uma resposta a caráter das perguntas ou afirmativas, sub-se-entendia que as assistentes virtuais tinham discursos pacíficos, não discordando dos assédios. É nessa imparcialidade que temos a voz não só como um som puramente implicado, mas, como a definição de gênero, da não neutralidade.

Diante das questões apresentadas é possível concluir que as tecnologias não são imparciais, pois de modo "velado" elas disseminam juízo de valores, conservando e fortalecendo hegemonias sociais. As assistentes virtuais, os padrões de filtros inclusos nas redes sociais que têm ferramentas com funções de clarear e afinar o rosto dos usuários, são exemplos de que o uso das tecnologias por determinados grupos, se baseiam em suas concepções preconceituosas e discriminatórias tendo o intuito de perpetuá-las nas relações humanas.

Colocar imagens femininas para representar as assistentes virtuais, leva-nos a pensar que a mulher está posta em um padrão de servidão e cuidado, e que esse é o seu lugar que a pertença, sendo reforçado quando suas configurações trazem características de uma mulher subserviente e com atitudes passivas. Nos ambientes virtuais as ferramentas de pesquisas trazem algoritmos com manifestações racistas, do qual em determinadas buscas associam a população negra, a imagem daquilo que é ruim e pejorativo, trazendo também os filtros que apresentam um modelo de branqueamento, práticas essas que visam postular as disparidades raciais.

Diariamente a Alexa, Siri, Bia e Lu recebem diversos comentários de misoginia e hostilidade. Na tentativa de acabar com tais ações, as empresas que se viram encurraladas pelas mídias, pensaram em maneiras de combater o sexismo através de atualizações dos programas. Como foi o caso da assistente virtual Bia (Banco do Bradesco), que segundo a reportagem do site Consumidor moderno “Bia, a inteligência artificial do Bradesco, passa a se posicionar contra o assédio” após receber mais de 95 mil mensagens ofensivas de assédio sexual em 2020, passou por alterações no seu sistema, segundo a empresa servia para combater esses tipos de manifestos “Através dessa iniciativa, o Bradesco amplifica ainda mais as vozes da sociedade e joga luz sobre um tema que precisa ser combatido com coragem, sem hesitação, promovendo atitudes mais respeitadas frente a situações de assédio” (MARCÍO PARIZOTTO<sup>5</sup>). Com isso, as assistentes virtuais passaram a responder as perguntas de acordo com a violência ou a não violência “não interagir; desviar o assunto; responder” (SANTOS e POLIVANOV, 2020, p. 16).

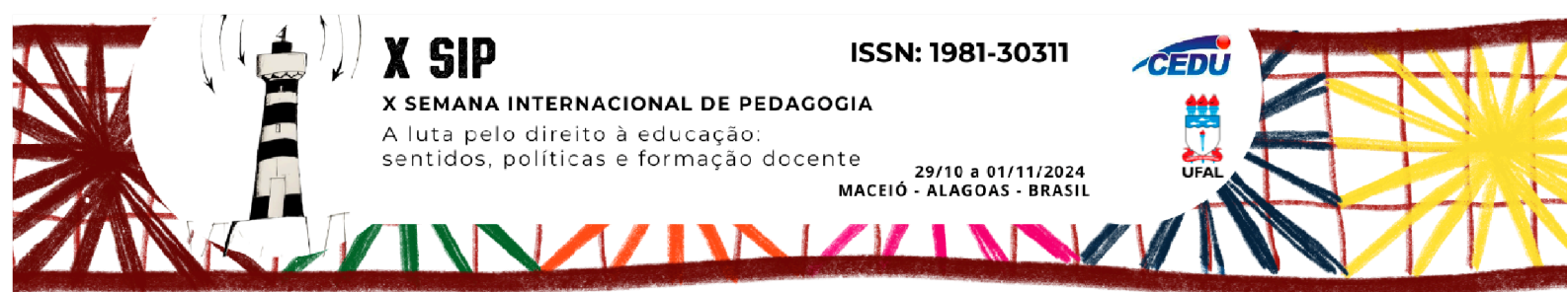
## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer essa reflexão é necessário para entendermos o impacto que as tecnologias causam nas sociedades. Compreender que as representações femininas, ocupando um espaço de submissão é um modo de compreender como acontece a desigualdade de gênero, além disso, reproduzir os pensamentos machistas, cujo qual já está enraizado no imaginário social, tendo a mulher como incapaz para ocupar cargos de maior reconhecimento, considerada inferior ao gênero masculino. Já as questões raciais evidenciam a rejeição à identidade negra, no que diz respeito aos filtros, que na maioria das vezes distorcem as características do negro, fica evidente a estruturação do racismo.

Discutir quais são valores reproduzidos por as tecnologias, entender como esse processo se constitui e solidifica, faz parte da luta contra os estigmas que estão presentes nas relações das pessoas, de modo a colaborar com as desigualdades sociais, logo que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão em um

---

<sup>5</sup> Diretor de Marketing do Banco do Bradesco.



acelerado processo de desenvolvimento e presente em todos os âmbitos sociais, seria inevitável ela não estabelecer influências negativas em seus usuários.

Atualmente passamos grande parte do nosso dia nas redes sociais, e, nossas ações acabam sendo influenciadas pelo que vimos e escutamos nesse ambiente. Ou seja, além de preconizar o mundo real é preciso se pensar na realidade virtual e seus comportamentos geracionais sobre os sujeitos.

## REFERÊNCIAS

SANTOS, Luiza Carolina; POLIVANOV, Beatriz. **O que têm em comum Alexa, Siri, Lu e Bia? Assistentes digitais, sexismo e rupturas de performances de gênero.** Galáxia (São Paulo, online), ISSN: 1982-2553. Publicação Contínua. e54473 <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2553202254473> . Nº 47, 2022, pp.1-25. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana%20Paula%20Barros/Downloads/O%20que%20tem%20em%20comum%20Alexa%20Siri%20Lu%20e%20Bia.%20Galaxia.2022.pdf>. Acesso em: 30 de ago. de 2024.

Consumidor Moderno. **Bia, a inteligência artificial do Bradesco, passa a se posicionar contra o assédio.** 06 de abr. de 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/contato/>. Acesso em: 30 de ago. de 2024.

#TMJ. **Os segredos da Lu do Magalu, primeira influenciadora virtual do Brasil.** 2023. Disponível em: <https://tmjuntos.com.br/inovacao/o-que-esta-por-tras-da-lu-primeira-influenciadora-virtual-do-brasil/>. Acesso em: 30 de ago. de 2024.